

simão de canudos

Querido amigo do futuro,

*Saudações. Sou Simão dos Canudo e lhe peço licença.
Partilho alguns guardados da Guerra, que é pra ajudar você
e os colegas na lida dos dias. Conto-lhes, pois, do que lembro.*

escrevo-lhe esta carta.

Está feito: “não deixar pedra sobre pedra”. Alguns milhares de homens cruzam a Caatinga a caminho de casa. Movimentam este sertão dado a tanto silêncio. Afastam-se da fumaça preta que sobe: Belo Monte agora é ruína e cadáver.

Pense numa Grande Aldeia Sagrada. Pois teve aqui uma jubilosa Canaã sertaneja, com morro de cuscuz, rio de leite e chão dourado pelo divino das pedras. Belo Monte é o novo nome do arraial que até outro dia a gente chamava Canudos.

O Conselheiro chegou era 1893. Disse que vinha arrumar a Igreja, mas então resolveu ficar e foi logo construindo outra. Sua gente só fez chegar. Notícia boa corre mais rápido que tragédia pelo sertão: uma terra pra se viver bem e simples, com reza, trabalho e pão? Foi mesmo obra do Bom Jesus.

Era chegar pra que lhe construíssem uma casa, coisa rápida, num mutirão só. Tinha roça, tinha bode e até um par de professora da capital para dar de ensino às crianças. Bastava cumprir com a regra do Peregrino. Foi ele um senhor inteligente que soube puxar a reza e fazer muito bem o seu sermão. Aprendeu no ofício a tocar no coração. Sabia mesmo falar das coisas do Céu e da Terra, da Salvação e da Mãe, do Serviço e do Amor.

Eu já estava aqui quando o Mestre chegou. Essa terra era Fazenda Velha, onde me nasci e criei. Foi sempre de uma gente pouca, até que o resto chegasse. Antônio me contou em pessoa, olhando pra mim, que já andava pelos sertões há mais anos que eu contava de vivo. E que agora queria parar. Perguntou se tudo bem ser aqui. Desde que passou por Monte Santo, uns muitos verões pra trás, ele sentia essa Força diferente quando vinha pra cá. Eu disse que sim, claro. E aí ele parou.

Foi quando a gente aumentou e construiu um Tempo próspero e curto, de muito trabalho, ordem e bença. Um Tempo que pra mim era bom. E me parece que, de tão bom que foi, tiveram de mostrar depois que na verdade era tudo muito ruim, porque nada podia ser bom daquele jeito. Como pode, Senhor, um bando desse viver junto em Arraial tão formoso e cheio, com imposto nenhum, onde nem o dinheiro da República faz valer e a colheita satisfaz quem quer que *seje*?

Queriam que aquele povo todo voltasse pras fazendas e buracos de onde vinham. E eram de muito canto, uma gente diversa se dando mesmo bem naquela nova ordem. Conheci vaqueiro, jagunço, camponês, 13 de maio, caboclo, beata e criança filha daquela terra.

Fui vizinho de pajé e descobri até remédio novo, da Mata. Aprendi a lida da cabra em fundo de pasto, um bicho que solto bastava pra se criar e que a gente vendia muito. Nosso bode virou o melhor da região e o couro ficou famoso porque não tinha risco de cerca. É que não tinha cerca. E nem bebida de álcool.

Firmou um jeito direito, certo e partilhado de se viver. Da Fé, surgiu um povo de coragem sincera e forte. Tão sincera e tão forte que até capuchinho da Igreja veio ver. Gente importante assim não era de prestar visita à toa: uma hora viriam ter com Antônio e sua gente, caçar que diabos faziam ali.

Pois vieram e conosco ficaram oito dias no março de 95. Quando o Frei foi embora, meu Padrinho soube que haveria Guerra. A Igreja não era boba e trataria logo de se amigar com a tal da República, ele me disse um dia. Os militares tinham criado um governo novo que decidiram chamar por “laico”: começavam a dizer que Igreja era uma coisa e que República era outra.

O Estado agora tinha outras maneiras de ser e se autorizou a tratar de casamento, coisa que sempre tinha sido de Deus. A Igreja se amuava, ofendida, acho até que com medo. Era padre resmungando da República pelos cantos, sempre baixinho. Não deixavam de mostrar ao Poder que, sim, ainda estavam ali,

dispostos e por perto. Continuavam importantes na ordem do mundo. A Igreja rege tanto canto. O sertão é devoto que só. Pra que brigar com Alguém desse tamanho?

O capuchinho partiu carrancudo e antes da hora. Veio e notou que somos muitos. Que somos organizados. Que Antônio é liderança forte e real. Sentiram o poder deste Homem, pois estiveram na Presença dele. Houve essa Vaidade que sente Medo quando se dá conta do tamanho que uma Fé, o maior instrumento de trabalho da Igreja, pode chegar. Daí o tom de maldição com que se despediram das nossas terras — porque, a nós, nem tchau ninguém deu. Simplesmente se foram e circularam as mentiras que deram razão à Guerra. A Igreja ajudou o Governo a matar tudo, o que me fez desentender quem é o Deus deles pra permitir maldade, assim, tão grande...

Um ano depois da visita, começou a Guerra. Primeiro, discreta, com a gente enfrentando menos de 200 polícia perto do Uauá. Pra ter um motivo, proibiram de entregar a madeira da construção da nossa segunda Igreja, a de Bom Jesus. O lote tava de pagamento quitado e ficou decidido ir buscar. E aí foi isso, o primeiro embate ali mesmo, no caminho, a gente armado com ferramenta da roça e cantando louvor.

A República mandava mais corpo, e a gente ia sempre ganhando, aos poucos se armando, se treinando e se entendendo melhor. O sermão que o Peregrino fazia todo dia às seis da tarde alimentava o ânimo e diminuía a fome. A gente ia comendo cada vez menos, é verdade, até porque era um povo grande de dar conta. No ano da Guerra veio fiel de todo canto, pessoal mesmo de longe, que apreciava demais o Mestre e que por ele dava a vida que nem eu.

Passava de mês a mês, o sossego sempre curto, e eu ia entendendo que aquilo só parava mesmo era no fim. Foi sumindo cabra e sumindo roça. Cabra amigo e cabra bicho, também. No que tava cada mais vez difícil, decidi ir-me embora. Muita gente se debandou. E por fim até o Mestre partiu, ajudando tudo a terminar. Cada um sabia dentro do coração o que era pra fazer. Diz que a Morte busca é na hora, certo? A minha não foi ali. Lamento fundo por aquele canto de cheiro e cor de mel.

Nosso Arraial foi de uma Beleza dessas que faz Deus sorrir do céu. E chorar também, porque não tem pai que não chore quando vê tanta covardia entre os irmãos. Acredito que os mortos de bom coração foram salvos nos braços do nosso Senhor e da Mãe Divina, guiados à mão pelo Bom Jesus, conforme aprendi. Diz que no fim restaram só quatro, com 5 mil de tropa pra matar eles. Quem se entregou também morreu.

Agora estão aí, há anos esperando o cheiro do estrume passar. O Vento varrer. A Terra sanar. A gente esquecer.

Sei que em 12 anos, os mais saudosos hão de voltar. Reacenderão tímida e humildemente o velho arraial: eis a segunda Canudos, que décadas mais tarde será caminho d'água pro Vaza-Barris passar. Pois farão daqui um Açude, o de Cocorobó, no auge de mais uma ditadura militar dessa nação que ainda chamam Brasil. Cumpra-se a profecia do sertão que vira mar. E surge, então, uma terceira Canudos, logo adiante. Ela será diferente e poucos de nós seguirão aqui. Trata-se de uma outra terra, de gente diversa, trabalhadora e criativa, como os nossos e como os teus.

É provável que eu já tenha ido quando a carta lhe chegar, mas em nome do nosso povo lhe agradeço a Memória. Guarde-nos, sim, pense-nos quando quiser, e nos traga amigos, fale de nós, aprenda conosco. Nossa História serve para que vivas melhor: cuida do Outro, pratica o Amor, partilha em Paz e Perdoa - eis o que lhe passo. Eu sei que os tempos andam difíceis. É a mesma Luta que nos atravessa.

Um abraço fraterno,

Simão.

Escrevi essa carta entre março e julho de 2019, quando vivi entre Uauá e Canudos, na Bahia. Esse registro nasce das conversas e encontros que recebi na região. Agradeço aos que trabalham pela Memória deste espaço. E agradeço mais ainda às almas que me cruzaram caminho, às tantas ajudas de todos os dias e aos inomináveis aprendizados, ainda tão frescos, desconhecidos e vivos. Ofereço às Marias e aos Antônio, às famílias que me abriram suas casas, às refeições e aos trabalhos que me foram confiados.

um tempo no espaço

Sou Lia Rezende Domingues, uma mulher de viagem pelos interiores - de si, de Minas e, agora, da Bahia. Contribua para que eu viva e transmita mais histórias como essa. Troque uma ideia comigo, bora se conectar e se fortalecer.



[umtemponoespaco](#)



liardomingues@gmail.com

ajudaram-me a entender Canudos

Antônio Fernando de Araújo Sá

O Sertão de Pierre Verger. Projeto História nº40, 2010.

Euclides da Cunha

Os sertões. Edições de Ouro, bem antigo, emprestado de minha avó.

João Batista Lima

Monitor de Turismo e Guia Local em Canudos.

José Calasans

Subsídios à história das capelas de Monte Santo. EMTUR, 1983.

Odorico Tavares e Pierre Verger

Canudos 50 anos depois (1947). Academia de Letras da Bahia, 1993.

Pedro Lima Vasconcellos

Missão de Guerra: capuchinhos no Belo Monte e Antônio Conselheiro. EDUFAL, 2014.

Pedro Lima Vasconcellos e Mauro Lopes

Curso Canudos no canal Paz e Bem, do YouTube. 2019.